

Depoimento

Coleção: Memória da Assistência ao Parto¹



Aldona Di Pillo^{2 3}

Então, qual o seu nome completo?

É Aldona [Kojalavicius]. Eu fui casada, então meu nome era Aldona Di Pillo, mas aí eu me separei, faz mais de vinte anos, aí voltei a usar meu nome de solteira, [Kojalavicius]. Eu vim pequena da Lituânia, vim depois da Segunda Guerra - se tiver um lapso qualquer você refaz a pergunta - eu vim, na Segunda Guerra Mundial. Nós viemos para cá, porque lá não tinha serviço, não tinha nada, vim com meus pais. Fiz o curso primário na escola do Estado, no Grupo Escolar Marechal Deodoro, o ginásio foi pago, meus pais já podiam pagar, pois começaram a trabalhar aqui... Agora, a faculdade eu fiz na USP, e Nutrição também (...), na Faculdade de Higiene.

E a senhora fez qual primeiro?

Primeiro a Nutrição. Eu fiz Auxiliar de Alimentação e Dietética e depois um ano de Nutrição.

E o ginásio?

O ginásio, na Escola Paulista, Colégio Paulista, que era no Bom Retiro.

¹ Coleção “**Memória da Assistência ao Parto**” é composta de entrevistas colhidas entre 1999-2007. Foi iniciada em 1999, durante projeto de Pós-Doutorado da pesquisadora Maria Lúcia Mott, sob supervisão da Professora Maria Alice Tsunehiro, na Escola de Enfermagem da USP (EEUSP), financiada pela FAPESP. Teve continuidade ao longo desses anos, com a participação das Professoras Maria Alice Tsunehiro e Maria Luiza Riesco, da EEUSP. A coleção integra hoje o portal “Lembranças do Nascimento – Atendimento ao parto em São Paulo (1930-1980)”, desenvolvido a partir de projeto coordenado por Maria Lucia Mott e que recebeu financiamento da Petrobras por meio do Programa Memória do Trabalho da CPDOC/FGV e do Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/departamento/enp/parteiras/?cid=114>.

² Formou-se *Parteira e Enfermeira Obstétrica*, em 1955, no Curso de Enfermagem Obstétrica da Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da USP. Trabalhou no Serviço Obstétrico Domiciliar e na Pro Matre Paulista. Faleceu em 19/12/2009.

³ Entrevista realizada no ano 2000 por Maria Lúcia Mott. Publicação autorizada por seu neto Marcello Kfourri Di Pillo.

E a senhora morava em quê bairro?

Na Casa Verde. Quando viemos da Europa, nós fomos morar no Bom Retiro, na Rua Júlio Conceição, aí meu pai comprou um terreno... Você vê, nós não tínhamos nada, nada. Viemos eu, meu pai, minha mãe e meu travesseirinho, e nós nos fizemos aqui, igual os italianos que vêm aqui, aí eu fiz o curso primário também no Bom Retiro. Aí eu ia de bonde, da Casa Verde eu ia de bonde.

E o seu pai fazia o quê?

Ele fez uma alfaiataria. Ele não sabia costurar, mas ele não sabia o que fazer, coitado. Não sabia a língua, nada, ele abriu uma pequena alfaiataria e foi progredindo. Aí ele comprava casimira na 25 de Março, comprava aviamento, fazia terno, vendia, e foi progredindo. Fez a nossa casa, aí nasceu minha irmã. Minha irmã nasceu aqui, em casa, com parteira.

E quem era a parteira, a sua mãe falava?

Ah, eu não lembro. Eu nasci no hospital, lá na Lituânia. Agora, da minha irmã não sei. Só sei que minha mãe falava muito bem dela. Eu falei: “Mas onde que você conheceu essa parteira, mãe?” Ela falava assim: “Ela tinha uma placa na porta”.

E ela falou como era a placa?

Disse que era quadradinha, branca e com o nome Dona Rosa, me parece, era filha de italianos, disse que era uma senhora muito legal, muito preparada, tudo que minha mãe tinha, qualquer problema ia conversar com ela. Dizia que ela resolvia os problemas dela como se fosse médica, melhor. Eu terminei o curso de Nutrição e fui trabalhar na Casa Maternal. Chegando lá eu fiquei no Serviço de Nutrição, aí eu via as parteiras da Legião Brasileira de Assistência à Casa Maternal. Quando eu vi as parteiras eu me encantei, elas usavam aquele uniforme lindo de morrer, a touquinha eram duas fitinhas azuis, depois que se forma. E nascia tanto nenê... Eu deixava o meu serviço, ia espiar, ver como é que nascia o nenê. Eu era solteira nessa época. Eu fiquei encantada, eu perguntei pra uma das parteiras, pra Odete... você já entrevistou a Odete?

A Odete... Já.

Vinhas.

Já, já.

A Odete é minha amiga e colega de mocidade, ela é mais velha do que eu, então eu falei: “Odete, como é que eu faço o curso?”, então ela falou: “Por quê, você quer fazer?”, eu falei: “Nossa, você fez um curso tão legal, estou encantada

com vocês!”. Ela falou: “Você vai fazer em tal lugar”, falei: “Está bem”. “Presta um exame, se prepara, são tantos anos”, falei: “está bem”. Cheguei em casa, comentei com o meu pai e com a minha mãe, “Mas você está namorando, você diz que vai casar, pra quê que você vai estudar agora, fazer outro curso?”. “Ah, eu estou encantada”, aí meu pai falou: “Você que sabe, quer ir fazer, vai, você vai deixar a Nutrição?”, falei: “Vou”. “Então faz, mas quantos anos?”, falei assim: “Olha, são quatro anos ou cinco”. Depois do colégio, eu, quando fiz o ginásio, eles compararam minha Nutrição como se fosse colégio, eu fiz ginásio, Nutrição, eles falaram assim: “Faz de conta que você fez o colégio”, falei: “Tudo bem”, aí... eram quatro anos de Nutrição, ou três, não lembro, meu pai falou: “Vai fazer o curso”. Comecei a fazer o curso, o meu marido, que era meu noivo, aquela loucura de casar, “Porque vamos casar...”, falei: “Meu Deus, deixei do curso de Nutrição pra fazer Enfermagem”, não sabia a especialidade que ia fazer, “Você quer casar, meu pai vai me matar”. “Pai, agora eu quero casar”, ele falou: “Não acredito, você larga da Nutrição, vai fazer outro curso (fiz um ano de Enfermagem) e agora você quer casar?”. “Mas o Lélío está louco pra casar, e eu gosto dele, ele gosta de mim, vou casar”. “Então case”. Casei, tive o meu filho, aí eu falei assim: “Nossa, não é isso que eu queria da minha vida, que tristeza”. Fiquei com aquilo na cabeça da Enfermagem. Voltei pra casa dos meus pais, voltei pra conversar, “Pai...”, e minha mãe, meu pai tinha alfaiataria, com as coisas dele lá, “Mãe, posso deixar meu filho aí com vocês um pouco, pra eu fazer o curso? Quando eu puder, eu vou buscar o menino de volta, na volta da escola?”. Meu pai falou: “Está acontecendo alguma coisa na vida dela, ela não está feliz, ela está querendo estudar do mesmo jeito, aquela Enfermagem que ela se pôs na cabeça”. É gosto, né, e fui fazer o curso, minha mãe me ajudou bastante e eu fiz o curso. Quando eu casei, fiquei um ano em ter filho, tudo, voltei, mas não me deixaram continuar, “Começa tudo de novo”, eu fiz cinco anos, depois, da faculdade.

E era caro o curso?

Não, a faculdade a gente não pagava nada, eram caros os livros, a faculdade é de graça, da USP, só que os livros eram caríssimos. E meu marido não queria que eu estudasse, ele falou: Não vou te comprar um livro, que [você] já tem Nutrição, pra quê que vai fazer Enfermagem? Você é casada, mulher casada não estuda, não precisa estudar”. Eu fiquei tão sem graça... Eu falei: “E agora? Gosto tanto...”, eu chorava, minha mãe falou assim: “Vai, que eu te ajudo, já que você gosta”. Que meu marido achava que quando a gente casa a gente tem que tomar conta da casa. Ele era italiano, romano, ele veio de Roma, mas nós nos conhecemos aqui. “Ó, você tem que tomar conta do filho, da casa, e mulher não trabalha e não estuda, você já estudou demais”. “Tá bom”, mas eu não estava contente, fui

estudar. Aí, pra poder compensar, que eu não podia comprar aqueles livros caríssimos de Obstetrícia, Ginecologia, Farmacologia (nós tínhamos que saber tudo, menina) eu pegava, pedia os livros emprestados e passava a noite copiando o livro, o quê mais me interessava, agora, quando eu podia, minha mãe me emprestava dinheiro e eu comprava. Eu falava: “Mãe, o dia que eu puder, eu te pago”. Aí eu fiz o curso e terminei. Comecei porque eu vi as meninas da Casa Maternal, onde fui trabalhar, me encantei com elas. Eu gostava mesmo, e quando eu fui trabalhar como enfermeira obstétrica, eu escolhi essa especialidade, eu adorava, até hoje eu adoro. Eu não quis mais trabalhar porque eu fiquei doente, eu trabalhei muito de noite, muito, pra eu poder ganhar mais e acabar de pagar a faculdade dos meninos, que a menina e o menino estudavam, olha, mas eu trabalhei tanto, tanto, mas eu trabalhava com gosto, que eu adorava. Agora, no Serviço Obstétrico, eu terminei o curso, o Jânio nomeou todo mundo sem nenhum favor, “Vocês vão para a periferia.” O Jânio era tão legal, ele falou assim, eu não esqueço até hoje: “Na periferia tem muita gente pobre, muita criança nascendo na mão de curiosa, eles morrem, coitados, elas não tem noção de nada, elas querem ajudar, mas não sabem, então vocês vão lá, trabalham, nós vamos dar bastante remédio, o quê vocês precisarem, ambulância pra remover a paciente quando ela não estiver bem”. Nós fomos pra lá. Eu fui nomeada na Vila Maria. Era só terra, só terra, aquele barro quando chovia, eu sei que a ambulância atolava, a gente ajudava a empurrar a ambulância. Eu estava comentando com uma colega minha, que tem trinta anos agora, eu falei: “Maria, você não tem idéia de como era gostoso, como nós éramos alegres e felizes, como a gente ria, aquele frio de morrer, dez partos nós fazíamos à noite, a noite toda, a gente ia pra casa assim, a noite inteirinha, feliz”. E sabe que as mulheres em casa são mais corajosas do que as que dão à luz no hospital? A gente falava, a gente preparava as meninas, as mulheres, as mocinhas, elas faziam pré-natal no Posto com o médico: “Quê que tem que fazer?”, agora o médico falava: “Fala com as parteiras, com as enfermeiras aí, que elas explicam”. Se não tinha aqueles paninhos pra forrar a cama, fazer os primeiros cuidados, a gente falava: “A senhora lava bem, passa com o ferro e guarda um montinho assim de paninhos, dez, quinze paninhos, quantos a senhora tiver. Se não tiver paninho, arranja um montão de jornal, que a gente forra a cama, forra o nenezinho, onde ele vai ficar”. Porque no lugar que nós íamos a mulher tinha dez, quinze filhos, então ela dava à luz naquele quartinho que o marido está dormindo e os filhos estão dormindo, ela não dava um pio, a gente podia dar o pique para sair o nenezinho, a gente fazia episiotomia, a gente suturava, ela não falava nada, mas com anestesia, claro, anestesia local. No hospital elas fazem aquele escândalo, eu não sei por quê.

E o marido e as crianças assistiam ao parto?

Dormindo, todo mundo dormindo, não escutavam nada, eu falava tudo baixinho: (sussurrando) “Agora você faz assim, faz força, agora vai nascer”, mas isso é porque é dez, quinze filhos, seis, sete, e quando era primeiro, a gente ia umas dez vezes na casa dela, ia e voltava, ia e voltava. “A senhora fica quietinha, nós vamos dar um relaxante pra senhora”, a gente aplicava Buscopan Composto, que é antiespasmódico, para ajudar a relaxar, dilatar... Quando vê que piora, a gente falava: “De tanto em tanto a senhora chama a gente. Quando tiver as contrações (não fala que é dor, é contração)”. “Está bom”. Aí o marido vinha chamar a gente, a gente ia de ambulância, o primeiro demorava mais, mas depois o terceiro e quarto, olha, vinha feito quiabo. Vinha que vinha. Aí nós fazíamos o puerpério - a gente ia na casa da paciente uns três, quatro dias, até cair o umbigo do nenê, e a gente fazia curativo na episiotomia dela. Sabe(?) onde ela levou os pontos. Olha, nunca tivemos óbito, nem fetal nem materno, nunca, nunca! Não tinha infecção, eu não sei porquê também, acho que é porque não se misturava com outros pacientes, deve ser isso, né?

Como foi o curso de parteira que a senhora fez lá no Hospital das Clínicas? A senhora fez um curso de quantos anos mesmo?

Fiz o primeiro ano, casei, voltei, e não me deixaram continuar. Foram cinco (no total).

Cinco?

Cinco na faculdade.

Mas por lei eram...?

Quatro.

Quatro anos?

Na minha época.

A senhora lembra as matérias teóricas e as práticas?

Olha, as teóricas nós fazíamos na Faculdade de Medicina, lá na Avenida Doutor Arnaldo. Nós tínhamos Obstetrícia normal, Obstetrícia patológica, todas as doenças, Patologia Médica, que são todas as doenças, nós tínhamos Farmacologia, Enfermagem Geral, teoria, tudo isso era teoria, tem mais coisa de teoria que eu não lembro agora, Higiene, aula de Higiene também, tínhamos que ensinar higiene no hospital. Agora, aula prática, nós tínhamos todo dia no Hospital das Clínicas, todos os andares, eram dez andares, nós tínhamos que passar por tudo:

isolamento, tirar sangue, levar comadre, começava de baixo e ia subindo, levar comadre, saber como põe uma comadre embaixo do assento de uma mulher, pôr papagaio pro homem, quer dizer, nessa hora não tem sexo, é tudo igual, tem que fechar os olhos, então a gente atendia homem, mulher... O primeiro ano você fica inteirinho tirando sangue, colhendo sangue, de homem, de mulher, de criança, de todo mundo, saber pegar bem a veia, tirando pressão o ano inteirinho, dia e noite tirando temperatura, aplicando injeção, depois que já sabe tirar bem o sangue, você começa a aplicar injeção. Então isso é nos primeiros anos, é dia e noite isso, depois você começa a fazer estágio em todos os andares, nas doenças infecciosas... No último ano que você vai pra Obstetrícia. Aí eles perguntam o quê você quer fazer, a especialidade, ou Pediatria, ou Obstetrícia, ou Doenças Infecciosas, ou ficar na UTI, ou no Pronto Socorro...

Mas isso no curso de parteiras?

É, de Obstetrícia, primeiro você faz Enfermagem Geral.

A senhora fez curso de Enfermagem mesmo?

É.

E não fez o curso de parteiras?

Fiz. Então você tem aula de Obstetrícia teórica quase todo dia na faculdade, teoria, tem Obstetrícia normal e Obstetrícia patológica, que tem Obstetrícia que não é normal, que tem um montão de doenças, e a gente estuda todas as doenças e todos os remédios, Farmacologia.

Mas eu não estou entendendo. A senhora fez o curso de parteira, de obstetriz, ou a senhora fez o curso de enfermagem?

Então, a gente primeiro tem que fazer Enfermagem, todas nós primeiro fizemos Enfermagem. Depois nós tínhamos aula todos os dias de Obstetrícia.

Mas era no curso, onde a dona França...?

Era...

Era na escola do professor Raul Briquet?

É. Tínhamos que passar por (...) aula teórica de Obstetrícia, eles falam isso, aula teórica, falando, depois eles ensinavam a fazer parto, só no último ano, no quarto ano, no quarto ano o professor Raul Briquet, o professor Neme, doutor Araújo, pegava sua mão e ensinava você a examinar, pegar o nenê, último ano só que você faz parto.

E a senhora fazia toque?

Toque? O toque nós tínhamos desde o primeiro ano. Nós tínhamos uma boneca, o nome dela era Maricota, tipo de uma mulher, mas primeiro nós tínhamos aula de Anatomia. Agora eu estou lembrando, está vindo tudo à tona, Anatomia, todos os dias nós tínhamos Anatomia, e nós tínhamos que estudar em cadáveres, nós púnhamos luva, examinar mulher morta que ficava lá no formol, eles tiravam do formol e traziam a mulher, você tinha que tocar a mulher por dentro, morta, indigente que ficou lá e deixaram pra gente estudar. Então a gente tinha que pôr luva e tocar essa mulher, saber onde fica isso, onde fica aquilo, onde fica o útero, ovário, onde fica o fígado, tudo, punha a mão lá e ficava horas examinando. Se não passar nesse exame você não pode ser obstetriz.

Agora, e toque em mulher viva, no parto?

Só nos últimos anos, quando está no quarto e último ano, aí você tem que fazer junto com o professor, aí ele que fica te orientando. Porque a gente fazia em mulher... em... esqueci o termo agora... não falam: “Me traz a mulher”... A “peça”! Então se a gente não souber fazer o toque na “peça”, jamais fazia numa mulher viva, então no último ano o professor fala assim: “Bom, faz o toque”, mandou fazer o toque, aí já sabe brincando fazer o toque. Agora, o primeiro parto, o segundo, terceiro (na Escola você tem que fazer 35 partos) junto com o professor, pra sair da escola sabendo fazer parto e a enfermeira obstétrica, que é a obstetriz, se não fizer com os professores, junto com eles, 35, você não pode ser. Aí depois do curso ou no meio do curso você pode arrumar uns hospitais por perto e ficar fazendo os plantões lá de graça, e aí você vai fazendo parto, parto, pra adquirir mais (experiência), entende? E aí, quê mais que eu posso falar? Então, aí nós tínhamos que fazer, todas nós tínhamos que passar por Enfermagem Geral.

E nesse tempo a dona França estava na escola?

Estava. Dona França era nossa orientadora, ela acompanhava a gente nas aulas teóricas, acompanhava a gente no hospital, via a nossa frequência, quem se dedicava, quem não se dedicava... Nós começamos em trinta, terminamos o curso em quinze, dezesseis. Não são todas que conseguem fazer o curso, outras não gostam, no meio ficam enjoadas, não querem mais, não gostam mesmo do curso, preferem fazer outro curso... Agora, dona França ficava com a gente em todo lugar, ensinava muita coisa também.

Ensinava o quê?

Por exemplo, orientava, “Você não entendeu tal aula, eu vou te ensinar, vou te explicar direitinho, aula teórica, então você quer que eu te explico?”. “Quero.

Me diz uma coisa, como é que eu faço pra montar uma sala de parto para o professor que vai fazer o parto cesárea?”, ela ajudava, ensinava, orientava. No último ano nós tínhamos aula de instrumentos cirúrgicos, nós tínhamos que montar caixas e caixas e conhecer aquilo de cor - caixas de cesárea - eles te pedem, você tem que trazer a caixa montadinha pro professor, com todos os ferros - ai se você errar algum ferro! - caixa de fórceps, caixa de parto normal, de fórceps alto, baixo, tudo, pros professores. Depois de terminado nós tínhamos que lavar, esterilizar e montar. No hospital você não precisa fazer isso, mas era pra aprender, porque se eu for trabalhar num lugar, que eu possa ser chefe, eu posso mandar porque eu sei fazer... O curso é muito bonito, por isso que é tantos anos, você tem que passar por tudo isso.

E a dona Lourdes?

Lourdes?

Foi da sua época?

Não.

Não?

Talvez até foi e eu esqueci. Era monitora da gente?

Dava aula de Enfermagem...

Não, não foi, não foi. Comigo foi a Léa, que dava aula de Enfermagem, eu (...) uma... [mostrando um álbum de fotografias] - esta aqui, olha, tem duas fitinhas, nós não temos, você vê? (mostrando fotos). A gente é aluna. Essa foi nossa professora de Enfermagem... Deixa eu ver se aqui tem. Eu sei que foi uma turma de monitoras, aqui tem duas turmas que estão se formando. Essa também era da Escola, dava aula de Enfermagem, todas as (...) davam aula pra gente.

Os professores homens davam aula teórica e prática?

Esse é o professor Vital Brazil (mostrando foto), filho do Vital Brazil. Professor Osvaldo Vital Brazil dava aula de Farmacologia. Ele era um professor bonito, de idade, filho do Vital Brazil, aquele que tinha o negócio das cobras, sabe? Professor Vital Brazil dava aula de Farmacologia.

E quais eram esses professores... os médicos que ensinavam a fazer parto, não as parteiras?

Também tinham as parteiras lá no hospital, que trabalhavam no Hospital das Clínicas e que se formaram na nossa escola. Elas orientavam a gente tam-

bém, ensinavam, mas primeiro é com o professor - o primeiro parto de toda aluna é com o professor.

Agora, a senhora acha que eles ensinavam vocês a serem ajudantes de médico ou profissional liberal independente?

Profissional liberal independente. Ensinavam profissão liberal mesmo, pra gente poder se virar sozinha na vida.

Intenção

E a senhora atendeu particular sozinha?

Sozinha?

É. Teve clínica?

Não, nunca. Trabalhei só no Serviço Obstétrico. No Serviço Obstétrico eu acho que fiz mais de dez mil partos, muito mais. Eu conversei um dia com o doutor Rosa Neto... a senhora entrevistou o doutor Rosa Neto?

Já.

Ele é tão legal, né?

É, muito.

Ele era diretor, e cada posto tinha um médico. O meu chefe lá do Posto era o doutor David Gonçalves Milanez. Eu falei: “Doutor, o senhor acha...”, que às vezes eu vou fazer uma visita na casa dele, ele está doente, eu conversei com ele esses dias, falei: “Doutor, o senhor acha que eu fiz mais de dez mil partos lá na Vila Maria?”, ele falou: “Muito mais, muito mais de dez mil partos”. Olha, eu sabia fazer parto de olhos fechados! Sei até hoje, lógico, se alguém estiver nascendo aqui, eu sei fazer o parto, a gente não esquece nunca mais, nunca mais, nunca mais.

E lá no Serviço... depois que a senhora saiu da escola a senhora então foi pro...

Direto pro Serviço Obstétrico Domiciliar. Eu fiquei no Serviço Obstétrico Domiciliar e fiquei na Pro Matre Paulista. Só. Eu fiquei na periferia com as mulheres pobres e com as ricas. Eu gostei tanto das pobres quanto das ricas, igual, gostei muito das pobres e das ricas, do mesmo jeito.

E a senhora trabalhou até quê ano no Serviço Obstétrico Domiciliar?

No Serviço Obstétrico Domiciliar? Não lembro o ano, eu fiquei lá uns seis, sete anos, acho, trabalhando dia e noite. Foi muito gostoso lá, atender esse povo,

os moços... atendi tanto parto, acho que está todo mundo moço, meus filhos, moços agora. Foi muito bom, e só tive dois ou três casos que eu encaminhei pro hospital porque não nascia mesmo. A gente já sabe quando não nasce, vinha... era primeiro filho, vinha sentado, falei: “Esse aí não adianta nem ficar aí segurando em casa”, e eles já tinham o lugar certo, a gente encaminhava, eles internavam na hora, resolviam, era muito organizado naquela época. Hoje não tem, você vê, não tem mais esse serviço, eu não sei, os hospitais não atendem mais, está tão esquisito hoje, viu?

E lá no Serviço Obstétrico Domiciliar a senhora fazia consulta pré-natal também?

Não, era o médico, o médico fazia. Agora, se ele, por exemplo, faltasse por algum motivo, a gente fazia, sabia fazer como ele faz, igual.

E daí, se tinha algum problema a senhora encaminhava, fazia episiotomia?

Episiotomia a gente fazia, suturava...

E sempre na episiotomia, dava anestesia local?

Local sempre, sempre, só se quando eu chegasse lá já tivesse nascido.

E acompanhava algum tipo de medicamento?

Acompanhava pra não ter sangramento, e depois a gente falava com o médico...

E qual era? Pituitrina?

Naquela época nós dávamos Ergotrate, Methergim...

E era rotina?

Para contrair o útero pra não sangrar. E nos pontos, por exemplo, na episiotomia, nos pontos, onde foi suturado, era só passar Mercúrio Cromo, nós passávamos Merthiolate no ato, depois é só passar Mercúrio Cromo, e fazia puerpério quatro, cinco dias, e se a gente via que a parturiente tem tendência para supurar o pontinho, tem umas que tem mais tendência, outras não, a gente punha um pouquinho de sulfa em pó, só. Secava aquilo que era uma maravilha. Os pontos, depois a gente ia tirar ou eles caíam sozinhos.

E dava algum tipo de...?

Antibiótico?

É.

Não, nada, nada, e corria tudo bem. Antibiótico nenhum.

E quem cuidava do recém nascido?

A gente. Assim, enquanto cuidava dos pontos, mesmo se não tivessem pontos, que a mãe já tem... por exemplo, se ela tiver um períneo elástico, que têm períneos que ele sai direitinho, depois ele volta no normal, você não acredita como é elástico e bem feitinho, então não precisava de ponto, a gente ia ver o nenê e via também a parturiente, se está tudo bem, se o útero já está regredindo. A gente examinava o abdome dela e fazia o curativo do umbigo do nenê, ensinava a mãe fazer. Quando o umbigo caía, a gente não precisava mais ir na casa dela, se ela tivesse alguma dúvida, vinha falar com a gente.

Quanto tempo demorava entre fazer o parto, nascer o nenê e ir embora, cada um, mais ou menos? Esperava quanto?

Por exemplo, depois que nasceu, se não tinha que suturar nada, uma meia hora a gente ia embora. Agora, se tivesse que dar ponto, aí ficava uma hora lá, fazendo tudo, suturando, limpando ela direitinho, arrumando a cama, forrando limpinho.... Eu sei que tinha uma paciente, ela era tão pobrezinha... na hora de fazer força ela largava a cabeça e quase desmaiava. Então eu disse: “Quê que a senhora tem que a senhora não consegue fazer força?”. “Faz três dias que eu quase não como, não tenho quase comida”. Falei: “Meu Deus!” Aí eu fui até o chofer da ambulância que ficava na porta esperando: “Seu Geraldo, por favor, olha, eu tenho uns trocadinhos aqui...”, eu tinha sem querer no bolso do avental, leva, vai lá na padaria, compra uns dois filões de pão, manda passar manteiga e vê quanto sai e traz para ela, que ela está com muita fome”. Ele foi e comprou. Eu dei um para ela, os meninos acordaram de manhã, já tinha nascido o nenê, o outro filão os meninos cataram e comeram na hora, e um ficou pra ela comer, falei: “Não deixa, come na minha frente, senão os meninos vão comer tudo”. Ela comeu, se sentiu outra mulher. Fome. Eles eram muito pobrezinhos, dava até pena. Sabe o quê que a gente ganhava de presente deles? Eu não queria, porque eles eram tão pobrezinhos, a gente fazia aquilo com amor mesmo, ajudando eles. Eles davam goiabada pra gente, de presente, que eles compravam. Banana. Uns tinham chácara, davam uma penca de banana. Eu falava: “Eu não quero, eu prefiro que as crianças comam. Comam vocês”. “Não, mas se a senhora não aceitar...”, eles ficavam zangados com a gente, então a gente tinha que aceitar. Um me deu uma galinha inteira, de pena, eu falei: “Mas como é que eu vou fazer pra levar pra casa?”. “A senhora tem que levar, que é presente nosso”. Se a gente não levasse eles ficavam zangados com a gente, coitados, queriam agradecer.

E era comum receber presente?

Era. Um queria dar um pato. Um dia queriam dar um leitãozinho e eu falei: “Não vou levar o leitão pra casa, não dá pra carregar”. Eles ficavam zangados, queriam que a gente levasse. Sabe que às vezes eu até chorava? Porque falava: “Meu Deus, coitados, mas ele não tem nem o quê comer, por quê vai dar pra mim?”. Aí chegavam: “Mas se a senhora não levar eu vou ficar triste, eu quero agradecer a senhora”. Eu tinha que levar. Às vezes eram uns presentes muito esquisitos: bolacha Maisena, bolacha Maria, aquela redonda, compravam um pacotinho, era um sacrifício para eles, e eu tinha que aceitar. Já pensou?

E todo o tempo que ficava na casa da parturiente, ficava só trabalhando? Não dava para ficar parada nenhum momento?

Não, faz, faz e vai embora. Faz tudo... A hora que eles me chamam, já no pré-natal o médico orientava, a gente orientava também: “A contração é de tanto, quando for de cinco em cinco minutos. O que é contração? Aquela cólica na barriga. Chama a gente que vai nascer”. “Tá bom”. Eles chamavam direitinho, cada cinco minutos no relógio, chegando lá já estava dilatado, a gente já fazia tudo e já nascia. Eles sabiam, a gente orientava tão bem que nascia na hora, a gente fazia o parto e ia embora.

E dava banho no nenê?

Não, a gente limpava ele direitinho com uma solução tipo vaselina, punha assim no algodão e dava uma limpada boa, a gente pegava, amarrava o cordãozinho no umbigo, direitinho, pingávamos o nitrato de prata no olho, que já vinha preparado lá do Posto. O Estado mandava para a gente muita medicação, aí a gente, como fazia tudo... Sabe como nós pesávamos o nenê? Nós tínhamos aquela balança de pesar batata, que vendiam de carroça na rua. Você pegou essa época que vendiam batata, tudo, na rua? Então, aquela balança tem um prato, os números, aquela coisa toda. Nós arrumávamos uma daquelas lá, púnhamos o nenê num paninho, a gente pegava e pesava o nenê. Deixava tudo marcadinho: quanto pesou, tirávamos os pezinhos do nenê também, passava um negocinho, tirava o pezinho.

E esses dados iam pra onde?

Ficavam com os pais. Dávamos pra mãe e pro pai. É como se fosse uma identificação: o sexo, quanto pesou, o pezinho, as digitais do pezinho.

E na maleta que o Estado dava, o quê que tinha?

Tinha uma caixinha com os ferros do parto normal, com instrumentos do parto normal, as agulhas, todo esse material de primeiros socorros: Merthiolate,

Mercúrio Cromo, agulhas de injeção, seringas, toda a medicação de primeiros socorros, e nós levávamos tudo isso, toda medicação pro parto.

E tinha aspirador?

Tinha, claro. É o aspirador para aspirar o nenê que você quer dizer, né? É, nós púnhamos uma sondinha numa seringa grande, numa seringa daquela grandona de dar injeção. Nós adaptávamos uma... como que chama? (...), esqueci o nome agora, como se fosse uma sondinha de borracha, bem molinha, e a gente adaptava aquilo e punha a borrachinha bem molinha na gargantina do nenê e aspirávamos a secreção, quando tinha secreção. Têm uns que não tem secreção, não precisa. E olha, você sabe que nunca nós tivemos problemas? Nunca morreu um nenezinho ou uma mãe, óbito nem fetal nem materno, nunca!

E a senhora nunca fez respiração boca a boca com o nenê?

Não precisou, nunca precisou.

E sempre tinha tudo o que precisava, nunca faltou nada, a ambulância nunca quebrou?

Nunca, a ambulância estava sempre em ordem. Hoje quando eu ouço no rádio, vejo na televisão, vejo o povo comentando, não tem nada, não tem medicação... Nós tínhamos tudo, um quarto cheio de medicação, deste tamanho, lá no Posto, nós tínhamos tudo. Olha, nós não tínhamos óbito, já pensou? Porque nós tínhamos medicação. Agora não tem.

E vocês levavam oxigênio?

Nós tínhamos oxigênio no Posto, mas não precisou nunca. E se tivesse algum caso que a gente... mas que eu tivesse que levar por falta de oxigênio, a gente encaminhava pro hospital, sentisse que a mãe tem algum problema, porque aí o médico percebia no pré-natal se tivesse alguma coisa, ele falava: “Essa moça vocês vão me encaminhar direto pro hospital”, que o Estado tinha convênio. Nós encaminhávamos geralmente naquele lá na Brigadeiro Luiz Antônio, como é? Alberto Byington?

Pérola Byington.

Pérola Byington! Pra lá que a gente encaminhava.

E tinha cama obstétrica portátil na ambulância?

Tinha, mas eu não montava.

Não?

Não. Eu montei uma vez ou duas, me dava muito trabalho. Eu mandava a moça ficar na cama sabe como? Aqui está a cama, ela estava deitada assim, eu virava ela de assim, me ajoelhava no chão, era a melhor posição, o nenê nascia na hora.

E ela ficava deitada de costas?

Não. A cama assim (demonstrando), por exemplo, está assim, eu mandava ela pegar e virar de assim, ficar com as pernas aqui, a cabeça aqui, encostada, e as pernas aqui, dobradas assim, de joelho, eu me ajoelhava no chão, saía na hora o nenê.

E tinha encosto pras costas?

Não precisava, agora, se ela quisesse, a gente pegava uns travesseiros dela e encostava, senão não precisa. Porque é melhor para ela. Na hora nascia o nenê.

E tinha essa coisa de quarentena, de ficar sem lavar a cabeça?

Não, naquela época... Eu orientava que elas podiam tomar banho. Tinha uma que era do Norte e ela falou que a mãe dela, a avó, não deixavam ela tomar banho. Quando eu cheguei lá, um, dois dias eu não percebi, no quarto dia eu cheguei e senti um cheiro de carne podre, eu levei um susto, falei: “Acho que ela está com infecção puerperal”. Quando olhei, falei: “Por quê que está cheirando assim?”, ela disse: “Porque minha avó e minha mãe não querem que eu tome banho, nem lave, não deixam eu lavar” [fala algo que Maria Lúcia não entende, se referindo talvez à região genital da moça].

Hã?

Aí eu falei: “Mas por quê?”, aí ela falou assim... (incompreensível) “Não, filha, você vai tomar banho agora, na minha frente”. “Mas pode?”. A avó chorava, a mãe pôs a mão na cabeça, falei: “Vai tomar banho agora”. Tinha crosta grudada, (...), falei: “Você vai lavar, vai tomar um banho, pegar a bucha, enquanto eu estou aqui, vou ficar sentada esperando”. Passou aquele cheiro todo. Se eu não fosse lá, ela ia ficar um mês sem tomar banho. Já pensou o fedor?

E por quê que a senhora saiu do Serviço Obstétrico?

Porque eu não estava me dando bem com o meu marido. Nós estávamos já em... Não sei, mas acho que era porque eu trabalhava dia e noite e ele começou a sair, eu comecei a perceber que ele mudou muito. Eu falei: “Eu vou sair e vou trabalhar só no particular”. Primeiro falei: “Não vou trabalhar em lugar nenhum”, com medo de ficar... já tinha uma filha também, falei: “Vou ficar com o meu filho e com a minha filha, vou ficar em casa”, porque eu via que estava

perdendo o meu marido. Têm homens que - desde o começo ele não queria - têm homens que entendem que a gente trabalhe, têm homens que não, você larga ele um pouquinho, ele se solta. Ele era muito trabalhador, mas tinha essa parte. Então ele trabalhava, sustentava a casa, pagava bons colégios pros meninos, a cada dois anos ele me dava um carro. Ele era publicitário. Ele queria que eu ficasse em casa, ele não queria que eu trabalhasse, sempre foi assim. Minha mãe falou: “Ele tem inveja, ele não quer (...), é inveja, não é nada outra coisa”. Minha mãe, acho que como era de fora, enxergava melhor. Eu falei: “Não é possível”, ela falou: “É sim”, então falei: “Vou largar o trabalho, vou ficar um pouco em casa. Não adiantou, aí eu percebi que me faltava minhas coisas, que eu estava acostumada a ter minhas coisas, ajudava lá em casa e ainda tinha pra mim, aí vi que me faltava muita coisa, porque ele era assim: escola, comida, como construir a casa, manter uma casa nossa, era assim, mas eu não podia comprar um tênis ou uma blusa, ele achava que: “Não, estamos construindo a casa, não dá”. Está certo, ele também passou a guerra. Ele também era muito assim, tinha medo de tudo, porque a gente passou essas coisas tristes. Aí eu falei: “Vou voltar a trabalhar, não está dando certo mesmo”, aí voltei, fui trabalhar na Pro Matre. A gerente lá da Pro Matre trabalhava na Casa Maternal, ela me conhecia de lá, nós éramos solteiras naquela época...

Quem era?

A Ermínia, que faleceu agora, você chegou a conhecer?

Não.

Ela casou com um japonês. Ela gostava tanto dele. A família não queria que ela casasse. Ela morreu com setenta anos, morreu de repente. Ficou três dias com uma dor de estômago e morreu. Eu ainda não me refiz, eu estou assim, meio aérea com tudo, porque ela me ligava todo dia. Lá na Pro Matre ela era gerente, chefe das parteiras, e ela falou: “Nossa, que bom que você veio, nós estamos precisando de uma parteira”. Aí eu fiquei lá mais de dez anos, na Pro Matre. Nessa época meu marido já não estava bem comigo, ele já arrumou... lá onde ele trabalhava, ele se encantou com uma secretária dele, se apaixonou, e quando se apaixonou você sabe, não tem jeito mesmo. Aí eu fiquei sozinha, fiquei sozinha. Depois passou um tempo, ele teve um enfarte e morreu. Eu pensei: “Ah, nada deu certo pro meu marido”. Eu gostava dele, nós nos dávamos..., se eu não fosse trabalhar, acho que dava certo. Ele queria que eu ficasse ali, sabe, e eu gostando da minha profissão, gostei tanto que você não tem idéia.

Na Pro Matre a senhora ficou quantos anos?

Mais de dez anos. Lá eu fiquei até me aposentar. Lá também era muito bom, a gente é muito considerada, os médicos, todos os professores que davam aula para a gente iam fazer parto, lá da Paulista (Escola Paulista de Medicina) e da USP, então eles falavam assim pra gente: “A gente sem vocês não é nada”, por quê? A gente controlava todo o trabalho de parto pra eles enquanto eles ficavam no consultório, trabalhando, e a gente: “Doutor, pode vir, professor, pode vir, que já vai nascer”. “Tá bom, põe na mesa, tudo...”, tudo mastigadinho, eles chegavam lá, faziam e iam embora.

Mas a senhora era funcionária de médico ou era funcionária da Pro Matre?

Da casa, da Pro Matre. A gente ganhava por mês. Nós éramos em dezesseis parteiras, todas da mesma escola, todas elas conhecidas. Eles só aceitavam a turma da USP lá naquela época, agora não, agora eles aceitam de qualquer escola. Olha, era uma turma que você não tem idéia, dezesseis, duas de dia, duas de noite, tinha também duas no berçário, duas no centro cirúrgico... Lá na Pro Matre tinha só atendente e obstetriz, não tinha auxiliar de enfermagem no meio, então a gente era muito considerada, até hoje eles consideram demais, os médicos, os donos, lá foi muito bom também, e é isso.

E na Pro Matre a senhora fazia parto?

Quando eu comecei na Pro Matre, tinha a parte que era mais... quem quisesse fazer parto com a parteira pagava menos, mas não pagava pra gente, pro hospital, nós sempre ganhávamos por mês. Então a gente fazia, a mulher falava: “Olha, já tenho três, quatro partos, eu quero ter parto com a parteira, porque vai ser mais barato, eu não preciso ficar num apartamento chique, então pra mim é o que vale, tudo mesma coisa, o parto”, e nós fazíamos, eu fiz bastante.

E em geral elas ficavam em quarto... enfermaria?

Enfermaria. Mas a enfermaria lá é muito chique. Mesmo a enfermaria não se compara, porque a Pro Matre era... eu acho que até hoje é única como hospital maternidade, porque lá é só maternidade.

E até quando teve esse serviço de parto mais barato feito por parteira?

Ah, eu acho que demorou, assim, ficou muito tempo, quando eu entrei já existia esse serviço, antes era muito mais, tinha muita gente que dava à luz com as parteiras, aquilo funcionou muito tempo antes de eu entrar lá. Depois de mim ficou mais uns cinco anos e parou.

A senhora mais ou menos não lembra em quê ano?

Aquilo começou bem antes, uns dez anos antes de mim.

Sim, e quê ano terminou?

Terminou depois de mim, uns três, quatro anos, e acabou.

Quê ano que a senhora acha que é isso, 1900 e...?

Faz dez anos que eu estou aposentada.

1990.

É, acho que era uns 50, 50 e pouco, 60, não, 60, né? Não lembro agora.

A senhora saiu de lá...

Eu saí de lá faz... eu fiz as contas esses dias, acho que não é dez, nove anos mais ou menos. Não, fiquei 10, aí agora em... 80, fiquei... nós agora estamos em 2000... 90, 80, eu trabalhei... 1967 mais ou menos que terminou esse serviço, 67, 68 (o Serviço Obstétrico Domiciliar foi criado em 1950 e extinto a 1969), esse serviço, que as parteiras faziam parto. Aí só médico, médico e professor.

A senhora ficou lá na Pro Matre até se aposentar?

Até me aposentar. Me aposentei e saí. Você sabe que se o médico foi para a praia num feriado, vamos dizer, como agora na Páscoa, tem um feriado de cinco, seis dias, se ele não chega e a paciente está em trabalho de parto... e se for parto normal, a gente faz. A gente avisou: "A sua paciente está entrando em trabalho de parto", ele está preso na estrada, a gente não vai deixar a criança morrer, a gente faz o parto, eu já fiz. Agora, se ele tem assistente, a gente chama o assistente, "Doutor, o senhor tem assistente?". "Tenho". "Onde que ele está?". "Está...", então chama o assistente. Se não tem assistente, não tem ninguém, nós temos que fazer.

E a senhora chegou a usar fórceps?

Não, isso é só médico que faz.

De verdade? Nunca, em nenhum caso?

Nunca, em nenhum caso, só médico que faz fórceps.

E anestesia?

Nunca, só local.

Nunca chegou a usar anestesia?

Local sim.

Não, mas ajudar o médico a dar?

Na Pro Matre a gente ajuda, mas não dá. A gente fica junto com o anestesista, a gente pega veia para ele. Na Pro Matre a gente pega... nós costumávamos pegar veia pra ele, já deixávamos tudo arrumadinho pra quando ele chegar, ele que dá a anestesia. E a gente ficava junto com ele na sala, na Pro Matre a gente ficava junto até nascer, junto com o anestesista, com o médico. Nasceu, ele entrega a criança pra gente, nós fazíamos os primeiros cuidados - tiramos as impressões digitais, colocamos o nitrato de prata no olho. Aí encaminha pro berçário, lá outra obstetriz toma conta do nenozinho, ela vê o resto. Os primeiros cuidados somos nós que fazemos.

E no período que a senhora trabalhou lá na Pro Matre, a senhora sentiu diferença, mudanças, aumento de número de cesarianas, participação do médico, perda de prestígio de parteira, de obstetriz...? Quais as mudanças que a senhora sentiu?

Não, não senti nada, lá é outro nível de vida e aqui é outro. Lá, por exemplo, elas não querem esperar parto normal, elas preferem pagar. Na periferia não, elas não podem pagar, então a gente, pra elas, é médica, é professora, é tudo pra elas, entendeu?

Mas isso, quando a senhora chegou na Pro Matre foi por volta de 1967?

É, mais ou menos. Não, 1970.

1970? Já tinha tanta cesariana como... tinha...?

Não, piorou, foi piorando, as cesarianas foram piorando, foi depois, as cesarianas depois foram aparecendo cada vez mais. É que as mulheres também não querem mais ficar sofrendo, elas não querem mais sentir contração, elas não querem... Você sabe que eu estou com elas? Eu, se tivesse que ter filho agora, eu preferia também. Está certo que parto normal é num instantinho, nasceu, acabou, e a cesariana demora mais para cicatrizar, tudo. É que elas não querem mais esperar, e elas chegam: “Ó, doutor, eu prefiro fazer uma cesárea”, ele fala: “Tudo bem”. Claro, até eu.

A senhora acha então que são as mulheres que escolhem?

É a mulher que quer. A mulher que pode pagar, ela não quer mais sofrer, porque aquilo dói. Agora, lógico, desde o começo você não pode tomar anestesia,

tem a peridural, por exemplo. Hoje ela pode tomar uma peridural e ficar deitada, aquilo vai dilatando e ela não vai sentindo, mas uma da classe média pra baixo ela não pode tomar peridural. Tudo é caro, muito caro, como que ela vai fazer? Então, uma que pode fala: “Doutor, eu não quero ficar esperando doze, dezesseis horas, eu queria já tomar uma anestesia, e fazer o meu parto e pronto”. Elas que marcam, elas exigem do médico. Quantas vezes eu assisti isso. Elas não querem ficar esperando, aí o médico fica sem saber o quê fazer. “Não, mas o parto normal é melhor, sempre. Aqui é uma cirurgia, sempre uma operação, não é como um parto normal”. “Ah, não me interessa, eu quero isso”, eles acabam fazendo, mas para as que têm dinheiro, né? É isso.

Tirando a Pro Matre e o Serviço Obstétrico, a senhora não trabalhou em nenhum outro lugar?

Em outro hospital? Enquanto fiquei lá no Serviço Obstétrico Domiciliar na Vila Maria, eu fiquei num hospital da Vila Maria, estava até inaugurando, Hospital da Vila Maria, até hoje existe. Eles falaram: “A senhora não quer vir trabalhar aqui um pouco? Não tem nenhuma enfermeira diplomada, não temos ninguém, é o começo do hospital”. Estavam abrindo aquele hospital, lá era tudo mato, terra. Eu falei: “Tá bom, eu fico um pouco com os senhores”, e eu fui ficando um pouco com eles, ensinava os estudantes do último ano de Medicina que faziam plantão lá, uns cinco, seis, a fazer parto, fiquei um pouco lá com eles, mas depois fui direto pra Pro Matre, lá eu fiquei até me aposentar.

Quem eram seus colegas na Pro Matre?

Ah, tinha uma turma enorme, eram dezesseis. Olha, tinha... a Ermínia que era a chefe, eu já conhecia. Minhas colegas eram a Ermínia, a Odete, que você conheceu...

A Ermínia era casada?

Casada. A Odete, a Chiarina...

A Odete era casada?

A Odete era viúva.

A Chiarina...

A Chiarina, tem a Dilce, tem a Lourdes...

A Dilce está lá até hoje?

Está. A Maria Augusta, a Vera, a Sônia, nossa, era uma turma, éramos em dezesseis, a Francesca, a Regina, a Yara, uma turma enorme.

A senhora sentia diferença entre enfermeira obstétrica, parteira e enfermeira só? A senhora sentiu alguma diferença de tratamento?

Não. Como assim, a enfermeira que trabalha em hospital?

É, a senhora se considera obstetrix ou a senhora se considera enfermeira?

O curso, como eu falei, a gente tem que fazer tudo pra poder entender as coisas, a gente tem que saber toda a matéria. A gente faz o curso de enfermagem total, depois se especializa em obstetrix. Mas desde o início, quando eu fiz o curso, a gente já tinha obstetrícia, por isso que a gente trabalha em maternidade. O [Hospital] Albert Einstein também tem maternidade, então a gente que fez esse curso já vai pra maternidade porque a gente é obstetrix, ou chamam a gente de parteira obstetrix ou enfermeira obstétrica, a gente vai pra um lugar que é só maternidade, por exemplo, quem se especializa em Pediatria vai pro hospital trabalhar no Centro de Pediatria.

Quando a senhora estava fazendo esse curso, tinha paralelo um curso só de Enfermagem e outro...

Tem. Lá mesmo tinha, pegado na nossa escola tinha um prédio de cinco, seis andares só de enfermagem.

E tinha diferença de tratamento entre essas enfermeiras de Enfermagem e...de Enfermagem Obstétrica?

As outras tinham mais ciúmes de nós.

Por quê?

Não sei explicar. Eu percebia que elas tinham ciúmes de nós. Era uma ciu-meira que não dá pra explicar, não sei explicar.

Mas e em termos de prestígio fora, profissional, falavam uma coisa das parteiras e obstetrizes e outra das enfermeiras?

Não. Isso sempre falaram muito bem de nós, que era um serviço muito bom, sempre, todos os médicos e professores sempre falaram que era um serviço muito bom, tanto quem é obstetrix como quem se especializou enfermeira pediátrica ou que trabalhava na UTI, eles sempre nos privilegiaram, punham a gente nas alturas, sempre deram muito valor pra nós.

E por que que tinha esse problema com as enfermeiras?

Não sei porquê que as enfermeiras tinham um ciúme das obstetrites, não sei porque. Por exemplo, eu sempre me dei bem com todas, comigo nunca houve nada, mas eu ouvia minhas colegas dizendo que elas tinham ciúmes das obstetrites. Agora, eu me dei [bem] sempre mesmo com a enfermeira, por exemplo, tem enfermeira que faz o curso de enfermeira só de enfermeira pra ser chefe, então ela faz o curso de chefia, então ela é só enfermeira, não fez especialização de nada, agora, eu acho que cada uma fica no seu Cristo dono, na sua especialização.

Naquele tempo a Dona Dilce estava lá? Ela fazia o quê?

Estava, ela era minha monitora, só me acompanhava para as aulas teóricas, as aulas práticas, ela fazia acompanhamento dos estágios dentro do hospital porque tinha que ficar em todos os andares, então elas faziam todo acompanhamento, ela, a Dona Catarina que era enfermeira.

A Dona Catarina a senhora acha que está viva?

Acho que faleceu. Ninguém mais falou dela...

A senhora lembra o sobrenome dela?

Não sei. A Dona Dilce deve lembrar da Dona Catarina.

Analisando suas trinta colegas que começaram a fazer o curso, a senhora acha que todas elas tinham o mesmo nível social?

Ah, não. Eu tinha colegas que moravam em sítio que vieram pra cá e nunca tinham visto uma capital, vieram pra cá estudar e ficaram internas no hospital, para trabalhar e estudar, ficaram na Escola de Enfermagem, internas. O nível não era igual não.

Mas a aluna da Escola de Obstetrícia podia ficar lá onde ficavam as enfermeiras?

Não podia, mas tinha umas que davam um jeito porque moravam longe, no interior, moravam em sítio, os pais trabalhavam em fazenda, elas pediam para ficar morando na Escola de Enfermagem e deixavam. Elas moravam aí e estudavam com a gente.

Tinham muitas casadas?

Tinha muitas casadas e muitas solteiras, tinha também de todas as idades, tinham novas, o curso começa com dezoito anos e vai, tinha, até de quarenta anos tinha moças fazendo o curso, até de cinquenta.

Tinha?

Tinha.

Na sua turma?

Na minha turma não, mas em outras turmas teve, eu via lá, quando eu estava estudando, já nos últimos anos a gente ficava de guia no hospital, ficava de noite fazendo plantão, eu via quando eu começava o curso, que vinha alunas novas fazer estágio, tinha coisas que elas iam perguntar pra nós, como que faz isso, aquilo, e tinha meninas de quarenta anos estudando, tinham começado o curso naquela época.

E tinha competição entre os alunos de Medicina e as do curso de parteira, pra quem podia fazer...?

Mais parto. Isso depois dos cinco partos que o professor ensinava a gente, junto com o professor de Obstetrícia, aí a gente ficava lá de plantão na Obstetrícia, no décimo andar do Hospital das Clínicas, e ficavam os doutorandos do último ano também, eles também tinham que ter número de partos e nós também, então tinha épocas que, se a gente não fizesse amizade com eles e tudo mais, aí a gente não conseguia quase parto, eram eles que queriam pegar os partos. Agora, se a gente fosse uma pessoa assim, não muito simpática, ah, então você era podada, tinha que ser um pouco simpática, alegre, conversar com eles, como em todo lugar. Agora, se você fizesse um plantão na Casa Maternal, onde a Odete trabalhou, a Ermínia, essa turma, lá nascia quarenta por dia e por noite, no hospital não, lá nasciam uns dez, quinze.

E nesses estágios vocês faziam parto sozinhas?

Não, acompanhadas com monitoras da Escola e com... as monitoras do Hospital das Clínicas iam com a gente; ela levava, por exemplo, pra fazer plantão, umas cinco, a outra levava mais cinco pra outro hospital, sem monitora não podia fazer, o hospital não deixava.

E toque em mulher viva vocês faziam, na Escola?

Depois que a gente estava já no último ano, sabíamos fazer bem o toque, já tínhamos feito o parto com o professor, aí já podia tocar.

Até fazer parto, não?

Não, só depois que fazia parto, depois que já fez parto podia tocar, enquanto isso não.

E quando a mulher estava sendo assistida, quantas vezes se tocava? Se tocava muito, se tocava...?

Tinha uma média. O professor falava: “Pode tocar”, por exemplo, “Vocês controlam o trabalho de parto, eu toquei, agora o aluno não vai tocar, o doutorando, agora porque eu toquei, então espera, passa uma hora ou duas, já adiantou o parto, a dilatação da paciente, então a dilatação deve ter aumentado, então você vai tocar, agora é a vez dele de tocar”, então depois de duas ou três horas que... é minha vez, conforme o trabalho de parto vai progredindo você pode tocar. Nossa, é muito controlado o negócio, na Escola.

Agora, e das suas amigas da mesma turma, das suas colegas, alguma chegou a fazer, ter clínica, placa com nome?

Que eu saiba, não. Ninguém.

Todas trabalharam em hospital?

Todas em hospital. A minha turma, mais da metade foram pro Serviço Obstétrico Domiciliar, sem nenhum favor, o Jânio chamou nós todas, “Quem quer...”, foi lá na escola, “Quem for se formar pra enfermeira obstétrica, quer ser parteira, quer trabalhar na periferia? É longe”, ele falou, “É longe, vai ser nos bairros mais longes [longínquo] de São Paulo, é terra e barro, eu quero que acompanhe o povo pobre”, o Jânio falou. Nomeou nós todas, mas tudo longe. Você imagina, eu morava perto do aeroporto, eu pegava trinta quilômetros pra chegar lá de carro, eu tinha um fusquinha, a 23 de Maio era terra, era aquela poeira, eu saía da minha casa, pegava aquilo... era no Brooklin, perto do aeroporto que eu quero falar, mas era Brooklin Paulista, era tudo terra, aí eu pegava aquilo, a 23 de Maio era inteirinha de terra, chegava na Vila Maria, mais terra, chegava toda marrom, o cabelo todo marrom, era escuro meu cabelo, eu ficava assim..., cabelo... de terra, marrom, eu chegava lá eu falava: “Eu não acredito onde eu vou trabalhar”, a primeira vez que eu cheguei lá eu falei: “Eu não acredito, é só terra e mato”. Aí ele falou que ele queria que acompanhasse, ele gostava muito de pobre, o Jânio, então ele falou assim: “Vocês vão acompanhar essa gente pobre, não vai deixar a turma morrer”. Aí no fim fui gostando, gostando, fiquei apaixonada pelo povo, é um povo muito bom, gente pobre é muito boa, muito bom, eles são carinhosos. E aí ele nomeou todo mundo, sem favor nenhum, e nós trabalhamos bastante e depois é isso, aquilo foi progredindo, o bairro foi melhorando, foi progredindo e lá, quando nós chegávamos na Vila Maria, eu, no meu bairro, cada uma ia num bairro, cada uma foi nomeada num bairro, tem umas que foram nomeadas pro interior, um monte foi nomeada pro interior, elas iam de trem pra lá, você sabe, né, soube de alguma delas que iam de trem? Elas iam de trem pra lá, trabalhar, de

ônibus, viajavam a noite inteira pra chegar onde elas trabalhavam, então... Ainda bem que eu fui nomeada aqui em São Paulo mesmo, e mesmo assim elas ficavam contentes, ficavam felizes, iam, voltavam, e tinham muitas casadas, elas iam e voltavam, davam plantão... Eu dormia no Posto, eu tinha dois plantões por semana, eu chegava um dia, por exemplo, às sete da manhã, eu ia embora só no outro dia às sete da manhã, eu fazia vinte e quatro horas, por isso que o meu marido não queria, mas era duas vezes só por semana, eu dormia no Posto, ele falava, ele era italiano, romano: “Mas como você vai dormir no Posto?”.

Tinha quarto?

Tinha, eles alugavam casa, o governo alugava, o Estado, tinha quarto, tinha embaixo... Eles alugavam sobrado, embaixo a sala pro médico fazer o pré-natal, sala de medicação, tinha cozinha pra gente fazer café, pra gente comer, nós que fazíamos nossa comida, se nós quiséssemos. Em cima era nosso dormitório, sala de estar, então, se ninguém me chamou, eu ia descansar, fechava a casa inteira, a ambulância ficava na rua, eu ia dormir, aí tocavam a campainha, o chofer da ambulância atendia, perguntava o quê que era, ele tocava três toques pra gente descer. Aí eu ficava vinte e quatro horas, no dia seguinte eu ia embora, chegava outro dia, eu vinha de noite ajudar a colega que fez vinte e quatro horas, e comigo vinha outra me ajudar também, fazia dois plantões só por semana, mas meu marido não se conformava que eu tinha que dormir no Posto de Saúde, isso foi deixando ele... Eu acho que não foi isso também não, é tipo de pessoa que estava... acho que ele desencantou de mim, lá sei eu, não dá para entender. Ele falava que era isso.

E se a senhora tivesse que escolher, a senhora escolheria a mesma profissão?

Escolheria. Se tivesse que começar, eu começava tudo de novo, fazia tudo de novo, a mesma coisa.

E os seus filhos falam o quê?

Ah, eles ficaram encantados. Eles tiveram os filhos, eles falaram assim: “Mãe, você vai com a gente no hospital?”. “Claro”. Elas deram à luz na Pro Matre, minha nora e minha filha, enquanto eu não cheguei não começou lá o trabalho de parto. As duas foram fazer cesárea, elas que pediram pro médico, falei: “Tudo bem, a época é moderna, está tudo adiantado, vocês querem fazer...”. “Ah, mãe, a gente não vai querer dor no parto”. Falei: “Pelo menos deixar começar a dor de parto, pelo menos isso”. “Tá bom, a gente começa, mas a gente vai fazer cesárea”, as duas, tanto minha nora como a minha filha, falou: “Mãe, eu não quero sentir dor de parto, tenho pavor”, falei: “Olha, você pode ficar sossegada, não é esse

pavor, mas já que você quer...”, aí ela... eu falei que não era tudo isso, mas que como elas queriam. Eu não me meti, ela que falou com o médico. Enquanto eu não cheguei, não começou a tal cesárea que elas queriam, eu cheguei, o médico falou: “Deixa a dona Aldona vir aqui, entrar aqui”, eu me equipei, fiquei junto, eu entrei começou a cesárea.

A senhora nunca viu nenhum caso assim, de feto sem cérebro, coisa assim, com muito problema?

Tive.

Aonde?

Eu vi um, não é sem cérebro, eu vi com cérebro, ele nasceu sem tampa de cima da cabeça, sem tampa. Quando eu vi, falei: “Mas o quê que é isso?” Você via o cérebro fazer assim, que nem o coração.

E ele morreu?

Não morreu [na hora], mas depois de um mês ele faleceu. Eu peguei, embrulhei, mostrei pra mãe, falei: “Vou levar ele pro hospital, remover”, avisei o médico do Posto, o chefe, doutor Davi, liguei pra ele e falei: “Aconteceu assim, tem um RN (Recém-Nascido) sem o tampo em cima da cabeça, eu estava vendo o cérebro pulsar”. O nenê chorava normal, tudo, enxergava, tudo, levei, ele falou: “Então remove logo, entrega já no hospital, explica...”. Levei, eles internaram imediatamente, quando eu podia ia lá no hospital saber do nenê, depois de um mês ele faleceu porque não podia viver sem aquilo.

E não dava para fechar?

É isso que nós estávamos falando, eles falaram que não dava, que ele tinha outros problemas, que não ia adiantar, eu não lembro agora qual era o problema, passou muito tempo. Agora na Pro Matre, o caso que eu vi que me deixou muito chocada foi um caso... Lá não tenho também, óbito nem fetal nem materno também nunca tivemos, a Pro Matre não... e eu vivia num ambiente, tanto aqui como no Serviço Obstétrico, sem óbito, agora, assim, que eu ouço, me arrepiava porque eu não acredito, não sei por quê que tem tanto óbito assim. Aí, um senhor, é dono de um restaurante, eu não lembro agora, um homem fino, todo feliz, era o primeiro filho, eu não sei, eu sei que... eu não lembro como, aí eu falei pro... eu fui colocar o nitrato de prata e eu falei pro pediatra: “Eu não consigo abrir o olho da criança”, ele foi ver, era cego, ele não tinha o globo ocular. “Eu não consigo abrir a pálpebra para poder pingar”, nossa, a gente estava tão acostumada que aquilo não precisava nem olhar pra abrir, eu falei: “Eu não posso, quê que está

acontecendo?”. Ele foi ver, ele falou: “Meu Deus”. Sabe quando a gente... uma família que está bem de vida, tem tudo pra ser feliz, tudo? E pra falar pro pai? Ninguém queria falar, eu falei: “Olha, acho que aí compete mesmo pro médico - ou o obstetra ou o pediatra, não cabe a nós”. Eles queriam que a gente falasse, que a gente tinha mais jeito, por ser mulher, porque ele falou que eles estavam com muita pena do homem, dá pena, sabe? Eu falei: “Então vamos juntos”, falei pro pediatra, “Eu acompanho o senhor, faço companhia, mas o senhor que fala”. Ele falou, o homem dava cabeçada na parede, “Eu não acredito, meu primeiro filho”, não sei o quê lá, o médico falou: “Eu não sei qual é a explicação, não há explicação, eles não sabem porque nasceu assim”.

E quando começou a usar o ultra-som, a senhora sentiu diferença?

Eu achei. O professor Guimarães, que era um dos donos da Pro Matre, me ensinou a usar o ultra-som, tudo, é diferente claro, só que eu não sei, assim... Eu sabia na época usar o ultra-som, mas não sabia traduzir aquilo tudo e escrever igual ao médico, mas eu sabia manusear aquilo tudo direitinho porque ele ensinou, quando veio dos Estados Unidos o primeiro ultra-som, chegou na Pro Matre, falou: “Vou ensinar pras senhoras como é que faz, como é que funciona”. Nós achamos aquilo uma maravilha. Até hoje eu acho, claro, a gente sabe o que está acontecendo, tudo, as doenças...

E o Dr. Guimarães ficou lá...

Ele faleceu.

Até quando?

Ah, ele ficou até... acho que 90 e... 92... não, 92 não, 80 e pouco, em 80, em 80 eu acho que ele faleceu, 1980, eu conversava muito com o doutor Guimarães. Sabe que foi ele que fundou a Escola Paulista de Medicina, né? Ele era muito legal, muito bom, uma dos donos mais fortes da Pro Matre. Então é isso. (gravador desligado)

(reiniciando) [A senhora lembra do] juramento que é lido durante a formatura?

O juramento da formatura é: “Perante Deus e com o testemunho dos presentes, prometo solenemente exercer com dignidade a profissão de obstetrix. Terei o máximo respeito pela vida humana, desde o momento da concepção, e constituirá minha maior preocupação a saúde e o bem-estar físico, moral e espiritual de todos os que me forem confiados. Não farei uso de meus conhecimentos de modo contrário às leis divinas e humanas, e guardarei fielmente o segredo profissional”.